

A IDENTIDADE DA REZADEIRA COMO SABER EDUCATIVO-FORMATIVO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA¹

Juliana da Silva Guedes²
Patrícia Cristina de Aragão³

RESUMO

O trabalho discute a educação em gênero a partir das mulheres rezadeiras, enfatizando o seu conhecimento como um saber educativo-formativo para a compreensão das práticas culturais que estas representam. Para isso, apresentamos uma análise historiográfica do papel dessas mulheres na história do Brasil como participantes da construção da cultura por meio de seus saberes tradicionais nas regiões em que residem. O objetivo é levantar o questionamento sobre o que os saberes da tradição têm a nos educar, por isso, propomos o tema para o ensino de história, pensando assim o currículo dialogando com a cultura, a partir dos saberes da tradição das rezadeiras. Partimos da abordagem metodológica da pesquisa bibliográfica e documental mediante uma pesquisa qualitativa através da utilização de Quintana(1999), Garcia(2015), Del Priore(2004), Oliveira(1985), Da Mata(1981), Corrent(2022) Pesavento(2012) e Libâneo(1994). Esta pesquisa deriva da iniciação científica Pibic CNPq, que se encontra em andamento, intitulada "Teias que tecem os saberes das rezadeiras como guardiãs da memória nas práticas de cura em comunidades rurais" da Universidade Estadual da Paraíba. Esperamos apresentar uma proposta de ensino para a sala de aula que proporcione uma compreensão do processo histórico a partir das vivências fora do contexto escolar, construindo uma relação dentro e fora da escola, que possibilite os discentes ampliarem seus horizontes por meio da alfabetização do olhar por meio da compreensão da história local e da identidade das mulheres rezadeiras

Palavras-chave: Ensino de História. Gênero. História. Rezadeiras, Cultura.

INTRODUÇÃO

O saber histórico escolar, têm um papel de formação dos sujeitos a partir do desenvolvimento da consciência histórica. Consideramos, portanto, que as aulas de história são de suma importância para que os indivíduos compreendam o processo de historicidade da sociedade e possam se sentir participantes das diversas esferas das realidades vigentes. Um ponto de partida para a compreensão dessas realidades é a cultura. A cultura é o que

¹ O artigo faz parte da pesquisa em andamento relativa ao projeto de iniciação científica financiado pelo CNPq;

² Graduanda do Curso de licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, Campina Grande, Paraíba. julianadasilvaguedes2@gmail.com

³ Professora titular da Universidade Estadual da Paraíba, atuando no curso de História, Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e no Mestrado de Serviço Social. Campina Grande, Paraíba. patriciaa@yahoo.com

proporciona sentido aos pensamentos que constroem as distintas realidades dos sujeitos presentes na sociedade.

Partindo desse pressuposto, a cultura se torna um meio de formar e de significativa importância para o entendimento da sociedade. Tendo em vista isto, nosso objetivo é problematizar o que os saberes da tradição podem nos ensinar. Por isso trazemos o papel cultural das mulheres rezadeiras mediante seus saberes tradicionais na história do Brasil como uma proposta de ensino para a aula de história. Para isso, nossa metodologia parte de uma pesquisa bibliográfica e documental mediante uma pesquisa qualitativa através da utilização de Quintana(1999), Garcia(2015), Del Priore(2004), Oliveira(1985), Pesavento(2012), Da Mata(1981), Corrent(2022) e Libâneo(1994).

Percebemos, portanto, que as mulheres rezadeiras em seu ofício e atuação nas comunidades, em que estabelecem suas moradias, desenvolvem um fazer educativo, que consideramos enquanto formativo para os alunos. Através de sua atuação é possível enxergar o lugar da mulher no espaço social nos distintos períodos históricos. Assim é possível ligar presente e passado de forma entrelaçada.

Para tanto, para melhor compreensão da pesquisa, dividimos o artigo em três partes. Na primeira, discutimos cultura e gênero como elementos constitutivos da sociedade importantes para o processo educativo. Na segunda parte, debatemos o papel das rezadeiras através de suas práticas culturais no período colonial da história do Brasil como importante para a construção da cultura nas regiões em que residiam. A terceira parte, apresentamos uma proposta de ensino para tratar o tema em questão através do meme "Qualquer mulher sem poder na idade média" da humorista Priscila Muniz e do livro didático História, Da hominização à colonização: rumo à conexão dos continentes" referente ao primeiro ano de ensino médio da editora Saraiva.

Lembramos que é uma proposta de ensino via uma discussão teórica para introduzir a discussão das mulheres rezadeiras que são esquecidas e silenciadas no processo de construção histórica. No momento de construção desse artigo ainda não havia ocorrido a aplicação empírica em sala de aula.

Além disso, o trabalho em questão faz parte de uma pesquisa de iniciação científica, intitulada "Teias que tecem os saberes das rezadeiras como guardiãs da memória nas práticas de cura em comunidades rurais" da Universidade Estadual da Paraíba da cota de 2022-2023. A partir das investigações do projeto, adaptamos algumas discussões para a sala de aula para pensar a educação dos sujeitos educativos a partir da temática em torno das rezadeiras. O

trabalho visa justamente apresentar uma proposta para sua aplicação empírica na comunidade educativa.

METODOLOGIA

A metodologia parte de uma pesquisa bibliográfica mediante uma pesquisa qualitativa com a utilização dos autores Quintana(1999), Garcia(2015), Del Priore(2004), Oliveira(1985), Pesavento(2012), Da Mata(1981), Corrent(2022) e Libâneo(1994). Que envolvem as questões de cultura, história das mulheres, educação e a prática de benzeção das mulheres rezadeiras no período colonial da história do Brasil. O aporte teórico nos possibilitou uma compreensão mais abrangente do papel dessas mulheres.

Usamos para a proposta de ensino uma análise de uma fonte midiática e escrita que está disponível ao público pela Internet, tornando ambos documentos públicos. Utilizamos o meme "Qualquer mulher sem poder na idade média"⁴ da humorista Priscila Muniz que se encontra em sua página de Instagram @priscilabmuniz.

Utilizamos também o livro didático "História, Da hominização à colonização: rumo à conexão dos continentes" referente ao primeiro ano de ensino médio. A obra em questão foi escrita por Ronaldo Vainfas, Sheila Faria, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos e publicada pela editora Saraiva em 2016. O exemplar é dividido em seis unidades que compõem dezoito capítulos. O capítulo escolhido em questão foi 13, intitulado "Reformas religiosas", em especial ao tópico "Intolerância religiosa e caça às bruxas" que se encontra na página 200.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Pesavento(2012, p. 15) é preciso pensar a cultura como um grupo de sentido que são compartilhados e criados pelos homens para interpretar o mundo. É uma maneira de elucidar e transladar a realidade de forma simbólica. Nesse caso, todos os significados atribuídos "às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa".

Ou seja, tudo ao nosso redor já é nos apresentado de forma com significado que há muito tempo foi construído e determinado na sociedade. Nada é dado, tudo é construção. Até a própria realidade que nos é apresentada é construída por meio de pensamentos que dão significação à vida via representações. O que revela que o sentido atribuído ao mundo ao nosso redor tem relação com a cultura, que é uma construção sócio histórica. Cabe-nos questionar como ocorreu esse processo construção e para qual motivo.

⁴ Link do vídeo: https://www.instagram.com/reel/CmKk_86Kzsf/?igshid=YmMyMTA2M2Y=

A este respeito Roberto da Mata(1981, p.3) nos traz que na visão antropológica, a cultura é uma reunião de regras que enuncia “como o mundo pode e deve ser classificado”. Isso significa dizer que partindo da antropologia a cultura constroem mecanismos de organização para o mundo. Cada indivíduo é influenciado pela forma como a realidade é estruturada, moldando sua cosmovisão. Nesse sentido, o indivíduo constrói a cultura e a cultura o indivíduo. Ou seja, há uma relação sempre a partir do outro. Não existimos e nem nos construímos sozinhos.

Esse significado é construído por meio da simbologia que dá sentido e personaliza as ações dos sujeitos. A cultura possui o poder de diferenciar a sociedade, influenciando sobre as atitudes humanas e a estruturação da sociedade.(HALL e GEERTZ *apud* CORRENT, 2022, p. 2-7) Assim sendo, todas as práticas sociais são oriundas de uma cultura que significam as ações dos sujeitos. Entretanto, a cultura exalta a diversidade tendo em vista que não existe apenas uma cultura e sim várias. Cada qual organizada a sua maneira. Um dos conceitos que envolvem a história cultural é o de representação que engloba suas discussões. De acordo com Pesavento (2012, p. 39):

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.(2012, p. 39)

Ou seja, as representações determinam a realidade dos indivíduos influenciando como enxergam o mundo. As representações fazem parte dos sujeitos que conduzem suas práticas sociais no ambiente em que vivem.

O objetivo da história cultural é justamente estudar a realidade do passado através de suas representações, "tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo". (PESAVENTO, 2012, p. 42) Logo, o propósito da história cultural é compreender as representações que os homens construíram para si e para o universo em que vivem.

Outro conceito que está atrelado juntamente a cultura e a representação, é o imaginário. Pesavento(2012, p. 43) nos traz que o imaginário é um conjunto de ideias e imagens de representação conjunta que a humanidade, em todos os períodos, criaram para si, dando significado ao mundo. O imaginário é tanto uma criação de um universo paralelo simbólico criado acerca da realidade quanto uma construção sócio-histórica. A autora ressalta que o imaginário envolve:

crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtora de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito [...] O imaginário é a capacidade humana para representação do mundo no sentido ontológico. É própria do ser humano essa habilidade de criação/recriação do real, formando uma espécie de magma de sentido ou energia criadora. (PESAVENTO, 2012, p. 43-44)

Em vista disso, o imaginário está ligado ao significado que os indivíduos dão a sua existência através de suas sensibilidades. Ele tanto pode produzir o caos quanto a união. Ele parte de uma construção racional que envolve também as emoções. O ser humano assim constroem imaginários para sua realidade, constituindo sentido a sua vida.

Com o surgimento da história cultural, o imaginário se torna uma definição de suma importância para entender a realidade, "traduzir a experiência do vivido e do não vivido". A realidade é sempre uma construção imaginária do universo, não necessariamente sendo seu espelhamento. O imaginário pode se referir a banalidade da vida cotidiana de homens e mulheres ou não. Pode remeter também a processos mentais que não coincidem com a realidade de fato. O imaginário pode tratar tanto da vida quanto do sonho. Sendo ambos, criação do real. Logo, na criação imaginária do mundo, o imaginário se dá no lugar da própria concretude da realidade, tendo em vista que é através dele que os indivíduos guiam sua existência. (PESAVENTO, 2012, p. 47).

Fazendo parte da vida ou sonho, o fato é que o imaginário é vigente na realidade de cada indivíduo na sociedade. O imaginário se torna uma representação de uma verdade construída a partir da cultura. Assim, cultura, representação e imaginário não podem ser separadas da discussão, pois, são fatores importantes para o entendimento da sociedade.

Para Quintana(1999), psicanalista, o ser humano necessita dos seus sistemas simbólicos. Tudo aquilo que coloca esses sistemas em contradição, atemoriza sua completude, tornando a vida angustiante. Quando ele se depara com o enfraquecimento dos seus códigos culturais, enxerga sua posição de fragilidade em frente ao universo. "Na medida em que o real abre brechas nessas construções simbólicas, obriga o homem a deparar-se com sua impotência, uma vez que esses padrões culturais lhe dão a ilusão de completitude da qual ele carece."(QUINTANA, 1999, p. 29)

Ou seja, o ser humano precisa da cultura para dar sentido a sua existência. Ela preenche o vazio do seu ser, fazendo com que se sintam pertencentes a algo maior. Trazendo a sensação de que não estamos sozinhos no universo. Como pode-se ver, falar sobre cultura é um assunto muito abrangente, é preciso fazer um recorte temático. Por isso, trataremos da cultura relacionada à história das mulheres, algumas correntes historiográficas possibilitam

abertura para se discutir sobre mulheres, mas não trataremos de todas aqui, tendo em vista que possuem diversas. O que nos interessa é a história cultural. Sendo assim, discutiremos a história das mulheres rezadeiras e sua influência na cultura.

1. A caça às bruxas em Portugal e as rezadeiras no período colonial

Entre os séculos XVI e XVIII, a Igreja possuía o controle na esfera da saúde curando pessoas, por meio de auxílio de caridade e cerimônias de exorcismo. Todavia, pessoas que se achavam detentoras de poderes divinos para curar, adivinhar o passado, presente e o futuro, e por serem vistas como seres inferiores, do ponto de vista econômico e social, e irem contra as normas impostas pela igreja, enfrentaram alguns desafios. Qualquer tipo de julgamento atrelada a sua vida pessoal, trabalho ou relações sociais que afetasse a moralidade, era designado de forma rápida como bruxaria, feitiçaria e magia. (OLIVEIRA, 1985, P. 18)

Isto permitiu perceber como a igreja era uma instituição poderosa, pois, qualquer coisa que desviasse do imaginário determinado por ela era símbolo de afronta ao seu poder. A cultura, as representações e o imaginário eram definidos a partir de sua cosmovisão de mundo. Assim, a sociedade era moldada por suas normas. Aqueles que não as seguissem seriam excluídos, pois estariam indo contra as regras do mundo.

Segundo Elza Rizzo Oliveira(1985) as mulheres que tinham algum tipo de conhecimento que desviasse dos padrões determinados pela igreja, eram perseguidas, torturadas e lançadas vivas na fogueira. Época em que o imaginário era determinado pela violência e pela opressão, em nome da salvação da alma dos indivíduos e a expulsão de seus demônios. Esse período ficou conhecido como a caça às bruxas, institucionalizado pelo tribunal do Santo ofício, conhecido também com a santa inquisição. “Havia toda uma teoria que guiava essas práticas e estava codificada em bulas, códigos, medievais, leis e manuais vindos da Igreja, ou feitos para o seu uso. Sempre visando defender seus interesses.” (OLIVEIRA,1985, p. 20)

Percebe-se que a inquisição não só perseguia como desenvolveu mecanismos para isso de forma institucionalizada, usando o seu poder na sociedade como forma de controle social através do imaginário que se possuía na época em relação à concepção do corpo e da alma. A cosmovisão de mundo instituída pela igreja por meio dos dogmas não podia ser questionada, determinada como a única verdadeira, anulando as outras culturas.

Nesse período a concepção de doença estava ligada aos pecados cometidos pelo indivíduo, a doença era um sinal dos céus ao corpo que estava mazelado. Entre os séculos XVI e XVII, os jesuítas, o tribunal do Santo Ofício e a coroa impediram o avanço de qualquer tipo de conhecimento científico e cultural. Sendo assim, a medicina se encontrava estagnada.

Isso levou a ignorância de diversas doenças, levando a população atormentada pelos males físicos à procura de pessoas que pudessem curá-las. O Brasil, como colônia de Portugal, seguia o mesmo caminho. No Brasil, existia uma escassez de profissionais e recursos para trabalhar com as doenças, isso fez com que o papel das mulheres rezadeiras/curandeiras se desenvolvesse, onde a medicina não chegava, essas mulheres estavam para curar suas enfermidades.(DEL PRIORE, 2004, p. 66- 69)

Ou seja, o imaginário da época que permeava a cultura sobre a doença e a cura não permitia o desenvolvimento da medicina e nem seu avanço, religião e ciência estavam interligadas. O que proporcionou que o Brasil como extensão de Portugal seguisse o mesmo caminho. Fazendo com que algumas mulheres desenvolvessem seus saberes através do caos que se encontrava a sociedade. Del Priore(2004) nos traz que:

[...]a ciência médica passou a perseguir as mulheres que possuíam conhecimentos sobre como tratar do próprio corpo. Esse saber informal, transmitido de mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas. Conjurando os espíritos, curandeiras e benzedoras, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões. Era também a crença na origem sobrenatural da doença que levava tais mulheres a recorrer a expedientes sobrenaturais; mas essa atitude acabou deixando-as na mira da Igreja, que as via como feiticeiras capazes de detectar e debelar as manifestações de Satã nos corpos adoentados. Isso mesmo quando elas estavam apenas substituindo os médicos, que não alcançavam os longínquos rincões da colônia.(DEL PRIORE, 2004, p. 68)

O domínio de seu saber fez com que também fossem perseguidas tanto pela igreja quanto pela medicina que não validaram seu conhecimento popular. Era permitido somente a igreja e a medicina que fossem detentoras do saber, que eram predominantemente masculinas. Tendo em vista que "saber é poder", as mulheres não poderiam desenvolver esse conhecimento.

O curandeirismo foi uma necessidade que se apresentou na colônia, um conhecimento popular desenvolvido de forma empírica, ou seja, com base em suas experiências nas práticas cotidianas. Destituídas dos artificios da medicina, as mulheres se voltavam para as curas informais, por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais, trazendo a saúde. Devido ao imaginário da doença está atrelado a intervenção divina e a imagem mágica do corpo, isso as levou a uma mescla de saberes com uso de plantas, minerais e animais, produzindo remédios para os seus atendimentos terapêuticos. Além desses saberes, havia os conhecimentos advindos da África, com a utilização de talismãs, amuletos e fetiches, e os rituais de cura indígenas, baseados na relação íntima com a flora medicinal. Garcia nos traz que na época do Brasil colonial a maioria das rezadeiras eram negras idosas. (GARCIA, 2015, p. 36, DEL PRIORE, 2004,p. 74-75).Observe essa citação:

A prática terapêutica das mulheres negras benzedoras que curam usando ervas e orações das mais diversas é muito antiga e se liga, no caso da comunidade quilombolas, a dois fenômenos. Primeiro é a transmissão oral dos conhecimentos, saberes particulares transmitidos de geração a geração. O segundo é a força da matriarcalidade. São mulheres curadoras, as cultivadoras ancestrais das ervas e das que rezas que restituem a saúde. Uma resistência fundamentada na religiosidade e na fé em divindades, das mais diversas. Nos antigos quilombos, como nas comunidades formadas por povos de origem bantu, a reza tinha uma força particular, em quase todas as famílias existia um membro que detinha essa sabedoria espiritual. (ANJOS E CIPRYANO apud GARCIA, 2015, p. 36-37)

Veja bem que o desenvolvimento de seus saberes são antigos, que atravessou por meio das águas um continente todo e se perpetua através da oralidade, não foi uma prática cultural que surgiu ao caso. Mas a partir dos conhecimentos preservados na parede da memória, que ao encontro com as distintas culturas presentes na colônia, possibilitou hibridismo cultural e sincretismo religioso.

2. Proposta de aula para o ensino médio

A proposta para a aula baseia-se nos cinco passos discutidos pelo professor José Libâneo(2002) sobre estrutura didática da aula. Libâneo(2002, p. 181-190) divide a estruturação da aula em cinco passos. No primeiro passo intitulado a preparação e introdução da matéria, a aula deve ser planejada e ao iniciar o professor deve provocar os alunos a partir de seus saberes.

O segundo passo, nomeado o tratamento didático da matéria, o docente apresenta a proposta e o conteúdo da aula considerando os conhecimentos do discente anteriormente adquiridos por meio de um processo de assimilação. Ou seja, o professor precisa partir do ponto dos saberes que já foram desenvolvidos pelos alunos na sala de aula, considerando o processo de aprendizagem do aluno tanto nas aulas anteriores quanto o saber que desenvolveram fora da sala de aula.

Já o terceiro passo é aprimoramento dos conhecimentos e habilidades, ocorre o desenvolvimento de atividades, retomada do conteúdo, exercícios para casa e entre outras formas. O quarto, a aplicação visa utilizar o conhecimento desenvolvido para a aplicabilidade com a realidade vivenciada, possibilitando o processo de emancipação de pensamento do aluno. O último passo, avaliação, é quando um ciclo do ensino se fecha e o professor analisa o desenvolvimento dos alunos. Após o professor ter trabalhado todo o conteúdo seguindo esses passos, é preciso que se encerre o ciclo e observe como os alunos saíram com a proposta, considerando como se deu o processo, tanto as suas facilidades quanto suas dificuldades que tiveram. Sendo um processo contínuo e metódico.

Recomenda-se que a aula que aqui será apresentada, seja ministrada quando for discutido o período colonial da história do Brasil. Considerando tudo isso, sugerimos que o

professor inicie a aula indagando os alunos de forma didática, questionando os alunos sobre o que eles já ouviram falar sobre o assunto.

Como indicação trouxemos a meme "Qualquer mulher sem poder na Idade Média" da humorista Priscila Muniz que se encontra em sua página de Instagram @priscilabmuniz. O vídeo em questão tem duração de um minuto e cinco segundos. A humorista traz de forma satírica e cômica a questão de que qualquer mulher que tivesse conhecimento na idade média, seria condenada a igreja. Ao passar o vídeo é interessante que se questione os alunos o que vídeo remete e o que eles sabem sobre o assunto. Considerando seus saberes anteriores adquiridos com assunto que já foi tratado. Logo em seguida, é interessante que o professor problematize a questão de que as caças as bruxas ocorreu de forma intensa na idade moderna, mesmo tendo se iniciado no período medieval.



Figura 1: Vídeo “Qualquer mulher sem poder na idade média.” **Fonte:** Priscila Muniz

Após passar o vídeo e questionar os alunos a respeito do que eles sabem sobre temática, sugerimos que relacione ao conteúdo didático utilizado no livro, para melhor compreensão da sugestão trouxemos um livro didático⁵ para melhor expor nosso pensamento, "História, Da hominização à colonização: rumo à conexão dos continentes"⁶ referente ao primeiro ano de ensino médio.

A obra em questão foi escrita por Ronaldo Vainfas, Sheila Faria, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos e publicada pela editora Saraiva em 2016. O exemplar é dividido em seis unidades que compõem dezoito capítulos. Mas não nos adentraremos a todos eles, nos

⁵ O livro em questão é apenas uma sugestão

⁶ VAINFAS, Ronaldo et al. **História 1: Ensino médio**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

deteremos ao capítulo 13, intitulado "Reformas religiosas", em especial ao tópico "Intolerância religiosa e caça às bruxas."

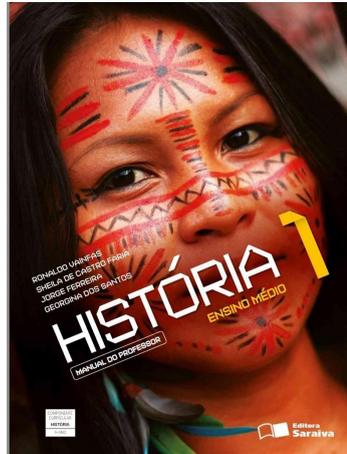


Figura 2: Capa do livro didático "História, Da hominização à colonização: rumo à conexão dos continentes" do primeiro ano. **Fonte:** Editora Saraiva.

O tópico especial é uma caixa de informação adicional ligada à cultura. Ele enfatiza que uma das maiores lutas da Igreja, seria contra o demônio que vinha desde o século XIII. Foram escritos diversos manuais de caça às bruxas, tendo sido desenvolvida uma área do conhecimento chamada demonologia para solucionar tal questão. Entretanto, o ápice da caça às bruxas ocorreu em meados dos séculos XVI e XVIII.

OUTRA DIMENSÃO CULTURA

Intolerância religiosa e caça às bruxas

Um dos maiores combates travados pelas Igrejas — católica e protestante — foi contra o demônio. Desde o século XIII, os teólogos viam demônios em toda parte e redigiam vários manuais de caça às bruxas. Com isso, igrejas e reinos se lançaram a um combate sem tréguas contra o demônio, envolvendo tanto os católicos como os protestantes. O apogeu da caça às bruxas ocorreu nos séculos XVI e XVII.

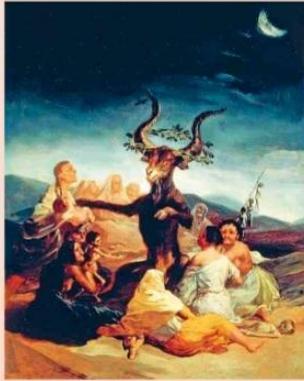
Nessa época se aprofundou um tipo de conhecimento especial para o combate à bruxaria conhecido como demonologia. Religiosos e juristas, conhecidos como demonólogos, publicaram obras que descreviam com detalhes as formas como o demônio se manifestava para se apossar da alma dos indivíduos e estabelecer pactos diabólicos. Detalhavam também como era a missa negra ou *sabá das bruxas*.

Essas cerimônias não existiram da maneira como foram descritas pelos demonólogos. Em muitos casos, eram apenas cerimônias populares para garantir boas colheitas. Em outros, eram curandeiros que faziam poções para tratar de doentes ou para facilitar encontros amorosos.

A caça às bruxas foi intensa no século XVI, sobretudo na França. Na Lorena, entre 1576 e 1591, 900 pessoas foram condenadas à morte por bruxaria, em geral queimadas ou enforcadas.

Nesta imagem de Francisco Goya, um dos expoentes da pintura espanhola no século XVIII, o diabo, na figura de um bode, é alvo de grande veneração.

O sabá das feiticeiras (c. 1797-1798), de Francisco Goya, Museu do Prado, Madrid, Espanha.



• Em grupos, analisem a imagem e respondam:

- Como caracterizar o público devotado ao diabo?
- Qual é o papel da criança que uma das devotas segura em suas mãos? Pesquise.

Figura 2: Tópico "Intolerância religiosa e caça às bruxas". **Fonte:** Editora Saraiva.

Dito isso, a problematização da aula parte de enfatizar o papel dessas mulheres, já que não é ressaltado na obra em questão e construir uma conexão com o período colonial da história do Brasil. Tendo em vista que a maioria dessas mulheres que eram perseguidas se devia ao fato de que tinham um conhecimento do próprio corpo e pertenciam às camadas populares. Então, usavam seus saberes para se curar e aos outros. O custo de desenvolver o conhecimento, fora a perseguição. Tanto pela igreja quanto pela medicina oficial. Já que as mulheres não podiam ser possuidoras de algum saber.

Partindo de tudo exposto, embora haja ausências no livro didático, tendo em vista que somente esse tópico no capítulo que abordar um pouco sobre essas mulheres ditas "bruxas" e somente com o foco no ocidente, o professor poderia justamente partir para uma análise mais abrangente, dividindo a aula em três momentos. O contexto da perseguição das caças às bruxas em Portugal com a análise da pintura exposta no tópico, no segundo momento apresentava como a medicina se dava no Brasil a partir da figura das rezadeiras, e terceiro pedir que os próprios alunos investiguem se em suas famílias existem rezadeiras ou alguém próximos a eles trazendo suas narrativas por meio de um vídeo, cartazes ou algo escrito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discutir sobre as histórias das mulheres proporciona uma visão crítica do mundo sobre as relações de poder vigente. A discussão sobre as mulheres rezadeiras possibilita um debate amplo no âmbito educacional, mesmo que na maioria das vezes seja desconsiderada por serem figuras “pequenas” na esfera da história.

Todavia, falar sobre mulheres e nesse caso mulheres rezadeiras é um saber educativo-formativo no ensino de história. A partir do desenvolvimento de seus saberes enfrentaram diversas dificuldades devido à forma de poder dominante da época.

As aulas de história podem proporcionar justamente essa problematização e como ainda hoje existem essas mulheres rezadeiras tanto nas zonas rurais quanto urbanas que atravessou o tempo através da ancestralidade. Permitindo assim uma ligação transcendente entre passado e presente a partir de uma simples figura do cotidiano.

Dessa forma, a história cultural permite transcender a banalidade do cotidiano no tempo. É através dela que pode-se enxergar as diversas representações ocorridas na história que permearam a vida de distintos indivíduos, possibilitando um olhar na educação voltado para as diversas existências no tempo. Não focado em apenas um tipo de história, mas em histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto, é necessário que haja abertura nas aulas para a história das mulheres. Enquanto não der espaço para essas discussões, a história continuará a ser predominantemente masculina. Se não há espaço, é preciso criá-los.

O professor pode se aproveitar de diversas linguagens, principalmente com a possibilidade das várias plataformas digitais disponíveis. Assim, criando uma forma de interligar com o aluno a partir da sua vivência.

REFERÊNCIAS

CORRENT, Nikolas. A noção de Cultura pelas perspectivas de Denys Cuche e Marshall Sahlins. **Revista Café com Sociologia** | v.11 | pp. 01-20 | jan./dez. 2022 | ISSN: 2317-0352.

DA MATA, Roberto. Você tem cultura? **Jornal da Embratel**, 1981.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.) Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004

GARCIA, Jeannette Queiroz. **As rezadeiras: cultura popular e tradição histórica**. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra capital, 2015.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benção?** Editora brasiliense, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PRISCILABMUNIZ. Qualquer mulher sem poder na idade média. **Instagram**, 14 de dezembro de 2022. Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/CmKk_86Kzzf/?igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em: 30/01/2022.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. - Bauru, SP: EDUSC, 1999.

VAINFAS, Ronaldo et al. **História 1: Ensino médio**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2016. Disponível em: https://api.plurall.net/media_viewer/documents/2597283 Acesso em: 30/03/2023.